

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO

ALZIRA APARECIDA DE LIMA PORTERO LOPES

O ESPAÇO NA CRECHE

CAMPINAS
2008

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO

ALZIRA APARECIDA DE LIMA PORTERO LOPES

O ESPAÇO NA CRECHE

Memorial apresentado ao Curso de Pedagogia
- Programa Especial de Formação de
Professores em Exercício nos Municípios da
Região Metropolitana de Campinas, da
Faculdade de Educação da Universidade
Estadual de Campinas, como um dos pré-
requisitos para conclusão da Licenciatura em
Pedagogia.

CAMPINAS
2008

**Ficha catalográfica elaborada pela biblioteca
da Faculdade de Educação/UNICAMP**

| | |
|-------|-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| L881e | <p>Lopes, Alzira Aparecida de Lima Porteiro. O espaço na creche: memorial de formação / Alzira Aparecida de Lima Porteiro Lopes – Campinas, SP :[s.n.], 2008.</p> |
| | <p>Trabalho de conclusão de curso (graduação) – Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação, Programa Especial de Formação de Professores em Exercício da Região Metropolitana de Campinas (PROESF).</p> |
| | <p>1. Trabalho de conclusão de curso. 2. Memorial. 3. Experiência de vida. 4. Prática docente. 5. Formação de professores. I. Universidade Estadual de Campinas. Faculdade de Educação. III. Título.</p> |
| | 08-219-BFE |

AGRADECIMENTOS

À DEUS, sempre presente em todos os momentos da minha vida, me dando forças para superar todos os obstáculos que surgiram em meu caminho.

À minha família pela compreensão; em especial ao Juliano que me ajudou muito, ensinando-me a lidar com o computador nos momentos que mais precisei.

Às minhas colegas de trabalho; principalmente a Regina que através de incentivos e elogios, elevava ainda mais a minha auto-estima.

Aos meus amigos de faculdade; Elis Ângela, Ana Cláudia, Daniela e Benedita, pela amizade, colaboração, apoio e compreensão em todos os momentos que passamos juntas em sala de aula, sempre unidas e procurando ajudar-nos umas as outras para alcançarmos o fim dessa jornada.

Aos professores, que foram de fundamental importância, pois transmitiram-me os conhecimentos necessários para a conclusão desse trabalho.

*...mire, veja: o mais importante e bonito do mundo é isto;
que as pessoas não estão sempre iguais, ainda não foram
terminadas, mas que elas vão sempre mudando.
Afinam ou desafinam. Verdade maior. É o que a vida me
ensinou.”*
João Guimarães Rosa, Grande Sertão; Veredas

Dedico este trabalho a minha irmã Marli, por ter sido a principal responsável, pelo meu retorno aos estudos.

Sumário

| | |
|-------------------------------------------------------------------|----|
| APRESENTAÇÃO..... | 01 |
| 1- MEMÓRIAS DE MINHA INFÂNCIA..... | 02 |
| 1.1- Retorno aos estudos..... | 03 |
| 2- REPENSANDO A FUNÇÃO EDUCADORA DE CRECHE..... | 08 |
| 2.1- A Parte Teórica..... | 12 |
| 2.2- Refletindo: A função do educador organizador de espaços..... | 16 |
| 3- O ESPAÇO DA CRECHE (0 À 3 ANOS)..... | 18 |
| CONSIDERAÇÕES FINAIS..... | 27 |
| REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS..... | 28 |

Apresentação

Esse memorial traz as memórias de minha educação de infância escolar e familiar e, os conceitos construídos que delas se originaram. Relato também o meu retorno aos estudos e os caminhos percorridos, as dificuldades encontradas e superados. A conquista do cargo de Educador de creche. Os conceitos e as propostas pedagógicas em que acreditava.

Do ingresso no Curso de Pedagogia da UNICAMP (um sonho realizado) e, as mudanças significativas que estão fazendo diferença na minha experiência profissional e pessoal.

A importância do Educador de creche no ato indissociável entre o educar/cuidar de crianças pequenas no “espaço da creche”. A inserção da Educação Infantil no ensino fundamental e suas reais propostas. E o mais importante, a valorização do Educador de creche como organizador de espaços para que as crianças criem / recriem sua cultura. A desconstrução de meus paradigmas de educação e, atualmente, como desenvolvo meu trabalho pedagógico com as crianças a partir de minhas novas concepções de infância. Da esperança renovada em que a Educação pode fazer a diferença na vida de nossas crianças.

1- Memórias de minha Infância

*“O registro permite romper a anestesia
diante de um cotidiano cego, passivo,
porque obriga a pensar”.*
(Freire, 1996, p. 24)

Havia estudado em minha infância, quando então, conclui a antiga 4ª série no ano de 1971. As concepções que abarcaram minha infância foram das disciplinas rígidas, onde o professor era o detentor de um saber pronto, acabado e inflexível. A disciplina que mais me marcou foi a de Educação Moral e Cívica, onde inculcavam-nos o amor incondicional a Pátria. Vivíamos na época em que a Ditadura Militar dominava o nosso país.

Os espaços eram rígidos demais! O corredor da escola em que estudava era liberado para entrada e saída, as idas ao banheiro eram com horários marcados e determinadas pelos professores. A sala de aula comportava poucos alunos as carteiras duplas, enfileiradas e organizadas para dificultar os contatos entre os mesmos.

Minhas professoras sempre intransigentes, sérias demais, causam-me medo, já que suas regras eram pautadas no castigo. O recreio marcado pelo toque estridente da campainha era o momento que mais gostava nesse espaço escolar, pois lá eu tinha a liberdade de brincar e interagir com as meninas uma vez que os meninos brincavam em espaços separados.

Em minha casa a educação em que meu pai acreditava teve resquícios do sistema patriarcal (hoje tenho consciência disso). Todas as regras eram ditadas por ele, “ai de quem desobedecesse”, eram aplicados surra castigos, e um deles, o que mais eu detestava, era determinado pelo condicionamento do corpo: ajudar minha mãe nos afazeres domésticos e depois permanecer sentado em uma cadeira na sala sem ter contato com ninguém, às vezes esse castigo durava a semana toda. Embora minha mãe sempre intercedesse a favor dos filhos, raramente meu pai cedia a seus apelos. Lembro-me também, que éramos católicos fervorosos e todos esses preceitos foram a bases de minha educação. Esses fatos relatados são frutos de minhas reflexões, depois do meu ingresso no curso de Pedagogia (PROESF) da UNICAMP e, dentro da disciplina de Educação de (0 a 6). No livro de Elizabeth Badinter, O Mito do Amor Materno, a autora argumenta que:

Atentemos para a ausência do amor como valor familiar e social no período que antecede a metade do século XXIII. Não se trata, porém, de negar a existência antes de determinada época, o que seria absurdo. Mas é preciso admitir que esse sentimento não tinha a posição nem a importância que lhes hoje são conferidas. Que o interesse e a sacrossanta autoridade do pai e do marido relegam a segundo plano o sentimento que hoje apreciamos, em lugar da ternura, é o medo que domina o âmago de todas as relações familiares. À menor desobediência filial, o pai, ou aquele que o substitui, recorre ao açoite. Tenho certeza que minha educação tem resquícios de meus antepassados e desses mandamentos absurdos impostos a eles (BADINTER, p.45, 1985).

São esses conceitos de educação, que até pouco tempo atrás faziam parte do meu trabalho com meus alunos.

Depois dessa desconstrução feita por mim, que teve início quando ingressei no curso de magistério e através das teorias dos estágios que realizei nas escolas de ensino fundamental, educação infantil e creche, no município de Itatiba, onde observava e participava das aulas auxiliando professores e alunos. Comecei a entender os processos de desenvolvimento que perpassam a vida das crianças e que refletem em suas interações, no comportamento, na forma de entender o mundo que as cercam, as habilidades sendo construídas, no interesse que o corpo desperta quando se tocam e tocam o corpo de seus colegas, e todas essas descobertas são fases importantes na vida das crianças para que se desenvolvam saudavelmente. E que o amor e a afetividade entre professores e alunos são fatores primordiais, para que laços de confiança sejam construídos.

Comecei mudando meu comportamento: hoje sou atenciosa, carinhosa, muito próxima dos meus alunos e de seus familiares, passei a auxiliá-las em suas frustrações, compreendendo seus medos, respeitando-os, sempre, com muito carinho e dando atenção que eles necessitam para desenvolver um vínculo de respeito mútuo. Pois segundo Gandhi: “O professor que não é amigo dos alunos jamais oportunizará a eles o desenvolvimento da curiosidade intelectual e jamais será respeitado como mestre. Sem afetividade, a escola vira apenas uma fábrica de diplomas” (GANDHI, p.50,2005).

1.1- Retorno aos estudos

Retornei aos estudos aos trinta e seis anos de idade, em 1996, depois de vinte e cinco anos sem estudar. Fui para o supletivo onde cursei da 5ª a 8ª na EMEF Philomena Sálvia Zupardo no município de Itatiba. Minha pretensão era parar nessa etapa, mas fui incentivada a continuar os estudos pelos meus professores.

Para cursar o supletivo do ensino médio, foi preciso matricular-me na EMEF Albertina Marques no mesmo município e, quando estava cursando o 6º semestre, que vem a ser o 3º ano do ensino médio, fui convidada pela diretora da escola a ocupar uma das vagas disponíveis no curso de magistério; o argumento era que eu estaria fazendo um curso profissionalizante, além de colaborar para o não fechamento da sala do magistério. Aceitei a vaga, pois sabia que não conseguiria cursar uma faculdade por questões financeiras.

O curso durou dois anos, sendo que no primeiro, tive algumas disciplinas referentes ao 3º ano do ensino médio e outras eram voltadas à formação de 1ª a 4ª série do ensino fundamental. As disciplinas eram voltadas para as teorias. No 2º ano, as disciplinas eram voltadas para as teorias, estágio e oficinas, onde organizávamos materiais e atividades para, então, desenvolvê-las nos estágios feitos extraclasse. Nesse último ano, era oferecido às alunas mais aplicadas nos estudos um estágio como bolsista valendo horas de estágio nas creches da prefeitura de Itatiba.

Fui uma das escolhidas, comecei a trabalhar na EMEI “Asa Branca” no mesmo município, onde fui muito bem recebida pela direção, educadoras e funcionários. A orientação que recebi é que deveria recepcionar as crianças na chegada e na saída; também substituiria as educadoras quando houvesse faltas e na hora do almoço das mesmas.

Esse ano foi muito rico para mim, as educadoras eram competentes, demonstravam gostar do que faziam, a diretora era comprometida, competente e muito inteligente, estava constantemente orientando, auxiliando o trabalho das educadoras junto às crianças, transmitindo segurança para todas. Pouco tempo depois, já estava adaptada à rotina da creche, sempre ajudando em alguma sala. As crianças eram divididas por faixa-etária, sem mistura de idade; eram meigas, carinhosas e me encantavam, e cada dia que passava, eu as admirava mais. A diretora observando meu interesse e dedicação com as crianças e sempre que havia cursos, oficinas, para orientação sobre os

PCNs' em ação, convidava-me a participar - em todas eu estava sempre presente. Os cursos, palestras denominados PCN's em ação, no qual as professoras (es) de ensino fundamental recebiam orientações de como trabalhar os PCNs' (Parâmetros Curricular Nacional) em sala de aula. E nós professoras (es) de educação infantil (0a6anos), orientações tendo como instrumento o Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil.. Nas oficinas a orientadora ensinavam a planejar atividades, construir brinquedos feitos de sucatas, brincadeiras de roda, canções e contar histórias, etc. O tempo passou rápido, logo estava no final do curso de Magistério e conseqüentemente, o estágio na creche chegando ao fim. Formei-me no ano de 2001, na Escola Estadual Manoel Euclides de Brito, mais conhecido como CENEMEB, localizado no município e Itatiba, cidade onde nasci resido e trabalho.

Minha vida, então, tomou outro rumo; no ano seguinte sobrevivi de algumas substituições em classes de 1ª a 4ª série. Tal situação, sem perspectivas mais consistentes; era insustentável. Por isso procurei serviço em uma indústria, fui contratada com carteira assinada e comecei a trabalhar, porém sempre atenta as notícias em relação aos concursos públicos em minha cidade.

No início do ano de 2003, saiu o tão esperado edital para os concursos e para minha alegria o de educadora de creche era um dos cargos. Fiz a inscrição, prestei a prova e permaneci todo tempo de espera ansiosa pelo resultado. Passei!

Alguns meses depois, fui convocada a assumir o cargo de educadora de creche. Os procedimentos burocráticos foram realizados: exame-médico e apresentação dos documentos necessários à minha admissão. Apresentei-me na Secretaria da Educação, onde fui recebida pela supervisora, que determinou onde iria trabalhar.

A Prefeitura do Município de Itatiba contribui com verba para ajudar na manutenção de entidades filantrópicas e envia funcionários para prestarem serviços as mesmas. Fui atuar em uma dessas entidades, com a promessa que seria transferida para uma creche do município, assim que houvesse vaga disponível. Comecei a trabalhar na Creche "Nosso Lar", uma entidade espírita, localizada num dos pontos com maior incidência de crianças carentes na cidade de Itatiba. É uma chácara bem estruturada, arejada, com parque, pomar, pátio, um extenso terreno gramado e cercado, um espaço seguro para o atendimento das crianças. Eu tinha que obedecer às normas e seguir o calendário da creche, pois o trabalho era ditado pelo diretor da entidade, sem nenhuma

intervenção da Secretaria da Educação.

Recebi a orientação que deveria recepcionar as crianças, dar banho, colocar roupas limpas, levá-las para tomar o café da manhã, ir ao parque, brincar no pátio. Todas essas atividades tinham dia e hora marcada, havia uma tabela fixada na sala para que fosse seguida.

Não havia necessidades de estar elaborando nenhuma outra atividade, pois, duas vezes por semana, voluntários da comunidade espírita desenvolviam esse trabalho com as crianças: ensinavam canções, orações e contavam histórias; todas atividades tinham preceitos religiosos.

Admirava esse trabalho, pois observava que era feito com as melhores intenções; as crianças eram tratadas com respeito, amor e muita dedicação por parte de todos que ali freqüentavam. Eram trazidos doações e conforto para amenizar o sofrimento das crianças e de seus familiares. Mas algo me incomodava, observava que as intenções desses voluntários eram significativas, mas todas as pessoas que procuravam por ajuda nessa instituição tinham como condição que obedecer a suas concepções religiosas e ideológicas.

Em nenhum momento que trabalhei nessa instituição, presenciei ações pensadas para que ocorresse mudança nas vidas das mesmas. Acredito muito nesse ditado popular: “Em vez de dar o peixe, ensine a pescar”.

Nove meses depois, uma educadora exonerou o cargo e fui transferida para a, então, EMEI “Sanhaço”, escola que comportava uma sala de creche com duas educadoras e dezesseis crianças na faixa etária de um ano e oito meses a quase quatro anos. Com o passar do tempo, fui me inteirando do trabalho pedagógico e percebi que nada havia mudado, eram os mesmos conceitos que vivenciei no estágio, em 2001 quando bolsista.

Alguns meses depois, a supervisora fora substituída e passamos a ter uma nova supervisora para nos orientar em nosso trabalho. Para minha surpresa, quem fora convidada a ocupar o cargo, era a diretora com quem eu havia trabalhado quando estagiaria na EMEI “Asa Branca”.

Nas primeiras visitas realizadas, notei que algo estava diferente: ou eu estava muito enganada, ou suas concepções educativas eram outras. As mudanças organizadas pela supervisora, para mim, foram revolucionárias: passamos a ter reuniões pedagógicas

mensais, formações continuadas com aulas práticas e teóricas e em todos esses encontros. Eram as educadoras que, através de avaliações e sugestões, escolhiam os assuntos, sempre relacionados aos problemas que mais as preocupavam no sentido de melhorar o trabalho com as crianças.

Eu aproveitava muito esses encontros e as visitas realizadas pela supervisora na creche, conversava muito com ela, pois estava encontrando dificuldades em entender as novas propostas pedagógicas que estavam sendo implantadas.

A mesma me explicou que a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Infantil foi promulgada em 1996 (Lei n. 9.394/96), lembrei de ter estudado um pouco dessa lei quando cursava o magistério, mas sem me aprofundar sobre suas reais propostas.

Também fui orientada a prestar o vestibular na UNICAMP que, nos últimos dois anos, foi aberto às educadoras de creche. Conversando com a educadora que trabalhava comigo, fiquei sabendo que nossa supervisora havia concluído o mestrado na Universidade Estadual de Campinas, sendo, também uma das AP's que ministravam aulas para as alunas do curso do PROESF. Mais interessada fiquei. Fiz minha inscrição para prestar o vestibular. No primeiro eu não passei, estava muito ansiosa e não consegui terminar todas as questões no tempo determinado, mas não desisti! Estudei por um ano inteiro e tentei novamente, dessa vez consegui a classificação, não conseguia acreditar no que estava acontecendo em tão pouco tempo minha vida profissional e pessoal estava trilhando caminhos nunca imaginados por mim.

Por dois semestres tive duas disciplinas (Pesquisa e Avaliação), cuja AP. era minha supervisora como educadora de creche.

Estou agora cursando o último semestre do curso de Pedagogia da UNICAMP, aprendi muito, principalmente quanto às especificidades das crianças pequenas, estas precisam de espaços adequados, organizados, precisam de liberdade, afeto, carinho, confiança, autonomia para se desenvolverem plenamente seu potencial para criar/recriar sua própria cultura.

Como defende: Luiz Percival Leme Brito:

Aí está o desafio da educação infantil, que não é o de ensinar letras, mas o de construir as bases para que as crianças possam desenvolver-se como pessoas plenas de direito e, assim, participar criticamente da cultura escrita, convivendo com essa organização discursiva, experimentar, de diferentes formas, os modos de pensar típico do escrito. Antecipar o ensino das letras em vez de trazer o debate da cultura escrita no cotidiano, é intervir no processo e aumentar a diferença. (BRITO, Luiz Percival Leme, 2005, prefácio)

2-REPENSANDO A FUNÇÃO DE EDUCADORA DE CRECHE

Fazer da criança um pré-adulto, uma destinação à inscrição social normativa, eis que não apenas a vida social em geral e a do Ocidente em especial, bem como as grandes teorias, tentam nos impor. Tais mecanismos são poderes e poderosos, mas não indestrutíveis
(Katz, 1996)

Ao iniciar meu trabalho como educadora de creche na rede municipal em 04/02/2004, acreditava que os conceitos que trazia comigo, adquiridos através de formação e estágios no magistério, eram os mais corretos a serem aplicados no cotidiano das crianças pequenas.

Acreditava que os mesmos eram prontos e acabados. Nos primeiros meses, não houve visitas da supervisão, pois a rede municipal e todas as escolas passavam por um processo de troca de supervisão e direção. Lembro-me que as atividades a serem trabalhadas com as crianças eram voltadas para a escolarização. Éramos duas profissionais na sala, a educadora com quem trabalhava tinha bastante experiência, pois há quatro anos estava trabalhando na creche. Orientou-me quanto às atividades a serem planejadas, os horários para cada uma delas, até me emprestou uma coleção de livros didáticos para estar analisando as atividades que fossem coerentes com a faixa-etária das crianças.

Observei, com o passar do tempo, que as propostas de trabalho pedagógico eram iguais às da pré-escola, tudo planejado em torno de datas comemorativas, os brinquedos estavam sempre em lugares altos e inacessíveis às crianças e nós educadoras, é que escolhíamos os brinquedos que havíamos colocado em nosso planejamento, elaborado mensalmente.

As atividades desenvolvidas eram feitas de forma automática, nós educadoras, é que mais fazíamos por elas, por termos realizado um planejamento incoerente com a idade das crianças. Hoje tenho consciência, tem que se trabalhar as especificidades das mesmas, pois elas não são um vir-a-ser já determinado antes de ser.

O relacionamento entre crianças, família e educadoras eram distantes, sem vínculos afetivos, as crianças eram recepcionadas e entregues no portão principal da

escola. E assim fomos desenvolvendo nosso trabalho, dentro desses conceitos pedagógicos, até finalizar o ano de 2004.

Ao iniciar o ano de 2005, recomeçamos com diretora e supervisora já empossadas em seus respectivos cargos, nós, educadoras, fomos informadas que participaríamos da primeira reunião pedagógica do ano letivo, juntamente com as professoras de EMEI (antes nossas reuniões eram semestrais e só entre educadoras).

A reunião aconteceu e a diretora explicou as mudanças orientadas pela nova supervisora. Para nossa surpresa, agora as nossas reuniões seriam mensais, algumas específicas para as educadoras, juntamente com a supervisora, e as demais seriam realizadas com as professoras de EMEI, para que houvesse trocas de experiências. Também fomos avisadas que seríamos visitadas pela supervisora, a fim de nos orientar sobre o desenvolvimento do trabalho pedagógico. Eu, particularmente estava apreensiva em relação às mudanças que seriam apontadas.

Começaram, então as visitas, as orientações relacionadas ao trabalho pedagógico, os encontros, onde documentos teóricos eram explicitados, comecei a entrar em contradição com minha formação inicial.

Nesses momentos que estou registrando minhas memórias, parece que todos esses conhecimentos vêm à tona novamente, agora tenho noção do que as AP's do curso de Pedagogia da UNICAMP sempre argumentam: o conhecimento e as mudanças causam sofrimento, porque entramos em conflito com nossa identidade.

As mudanças continuaram, a sala que era multisserida (um ano e oito meses a quatro anos de idade), agora abrangeria faixa-etária de um ano e três meses a três anos de idade. Não acreditava que daria certo, achava que os maiores machucariam os menores e que os maiores se tornariam bebês novamente, já que segundo Vygotsky, “essa fase está associada à imitação”.

As atividades teriam que ser planejadas semanalmente, a direção estaria analisando e nos orientando a respeito das mesmas, a supervisão enviou-nos apostilas com propostas de atividades, respeitando as especificidades dessas faixa-etária. Teríamos que esquecer os trabalhos com papéis, fazer tudo ludicamente, sem cobranças; os brinquedos teriam que estar ao alcance das crianças e os espaços planejados, confortavelmente: cantos de leitura com tapete e almofadas, faz-de-conta com acessórios diversos para trabalhar a criatividade das crianças.

Também foi adotado o diário de classe, antes havia apenas uma listagem mensal com os nomes das crianças matriculas, onde eram registradas as presenças e faltas.

Teríamos que observar o desenvolvimento global das crianças e fazer registro da evolução do aprendizado das mesmas. O vínculo afetivo era de primordial importância, para tanto os pais tiveram a liberdade para deixar e buscar seus filhos na sala. Nas reuniões trimestrais com os pais, onde se falavam sobre brigas, birras, mordidas, roupas sem identificação, etc., passaria a socializar os avanços das crianças, a importância do nosso trabalho junto das mesmas, a nossa formação (todas as educadoras da rede têm formação no curso de magistério, quesito esse exigido para ocupar o cargo) e que brincadeira é coisa séria no cotidiano da educação infantil.

Em uma das reuniões pedagógicas, recebemos a informação que a creche estaria se adequando a LDB 1996, passando a integrar a educação básica. Não seria fácil, mas não impossível, mudar a visão da comunidade/sociedade da origem assistencialista da creche para a importância do cuidar e educar dentro do espaço escolar. No decorrer do ano, fomos nos adequando à nova realidade, as interações entre crianças, educadoras e famílias foram acontecendo de forma tranqüila, superando minhas expectativas.

As mães e os pais demonstravam mais confiança e segurança, ficavam felizes ao observarem as mudanças de seus filhos, depois de inseridos no espaço escolar. Anotávamos todos os comentários, dúvidas e desconfortos dos pais em relação à educação de seus filhos para, nas reuniões com eles pais, selecionarmos textos que tivessem relação com suas inquietações. Fazíamos a leitura de forma clara e simples, debatíamos e procurávamos chegar a um consenso, respeitando sempre a subjetividade individual, resultado todos saíam satisfeitos das reuniões.

Oliveira e Cols enfatizam a importância da figura do educador de creche, argumentando que:

Ele que deverá ser a constante recriação da proposta pedagógica, da creche... O educador é o elemento chave que deve ser adequadamente selecionado e estar em formação contínua, uma vez que será o mediador do processo de desenvolvimento da autonomia moral infantil. Nesse sentido, quando os pais entendem a função da creche, que é a de reconhecer a criança como ser social, cultural e histórico e oferecer um ambiente educativo, no qual se busque o desenvolvimento infantil através de atividades diversificadas, interessante e desafiadora, onde a criança possa vivenciá-las, eles tornam-se aliados à escola, pois, compreendem a importância do trabalho realizado pelos educadores. (OLIVEIRA idem Cols, 1992, p. 123)

Durante esses dois anos, que mudanças ocorreram, visando um novo olhar em relação ao cuidar e educar de crianças pequenas dentro do espaço da creche”. Com os encontro mensais onde teorias explicitadas por profissionais de alto gabarito; com as trocas de experiências entre educadoras e professoras; com a participação dos pais como aliados, o nível de desenvolvimento das crianças superou as expectativas iniciais, meu crescimento profissional e pessoal emergiu significativamente. Acredito, cada vez mais, que tenho muito a aprender, hoje entendo que profissional da educação deve ser um eterno aprendiz, estar em constante formação.

Apesar dessas mudanças, falta o reconhecimento desse profissional, exemplo relatarei como somos classificadas pela secretaria da educação, ao ocuparmos o cargo de “Educador de Creche” no município de Itatiba: somos educadoras concursadas, efetivas, tendo como quesito obrigatório o curso de magistério para ocupar o cargo. Trabalhamos regidas pelas normas da Consolidação das Leis Trabalhistas (CLT), cumprimos jornada diária de oito horas de serviço, sendo quarenta horas semanais, com direito a trinta dias de férias anuais.

Desenvolvemos trabalhos pedagógicos: semanário, onde planejamos atividades diversificadas, desenvolvemos projetos, preenchemos diário de classe, ficha avaliativa do desenvolvimento das crianças semestralmente, participamos de formação continuada, reuniões pedagógicas mensais. Tudo com a supervisão da secretaria da educação e pela direção escolar.

Conclusão exercemos as mesmas funções de uma professora, mas somos consideradas funcionárias públicas que prestam serviços à educação. Concordando assim, com a citação de Ana Lúcia Goulart de Faria que enfatiza:

Ainda que, destaquemos os avanços da legislação, é necessário aclarar o significado da inclusão das creches e pré-escolas nos sistemas educativos. Uma questão que essa inclusão suscita, em relação aos profissionais da educação infantil, é que a abrangência da LDB circunscreve-se ao perfil escolar desse profissional, ou seja, ao professor. Em decorrência, continuam à margem deste parâmetro legal os demais agentes educativos hoje incorporados ao cotidiano das instituições de educação infantil, tais como os monitores, os crecheiros, os recreacionistas, as pajens etc. (FARIA, Ana Lúcia G, 1999, p. 103).

A parte teórica

*“uma teoria não é o conhecimento, ela permite o conhecimento. Uma teoria não é a chegada; é a possibilidade de uma partida. Uma teoria não é a solução; é a possibilidade de tratar um problema”
(Morin, p.335, 1998)*

Os embasamentos teóricos de minha formação no curso de magistério foram mais direcionados a lecionar nas séries iniciais do ensino fundamental (1ª à 4ª).

Algumas das teorias que dão base para se trabalhar a educação infantil são: as de Freud e Jean Piaget: “os estágios de desenvolvimento que perpassam a vida das crianças”. Segundo Piaget:

O homem é um ser temporal, do ponto de vista da ação do tempo, é precisamente esse desenvolvimento espontâneo que constitui condição preliminar. Evidente e necessário se faz por graduações sucessivas, por etapas e por estágios; são as quatro grandes etapas: inteligência sensório-motora (que precede a linguagem), pré-operatória (que começa com a linguagem), operações concretas e operações formais. As mesmas compreendem de 0 a 15 anos, e tomam tanto tempo porque é necessário passar por todas as espécies de etapas e, cada uma é necessária para conquistar a seguinte. Quanto à hereditariedade: maturação interna e experiência física, a ação dos objetos e a transmissão social: Piaget os vê como fatores determinantes, mas insuficientes para determinar a aprendizagem (Piaget, 1978.).

Tendo como base os estudos e reflexões nas teorias de Freud: compreendi, que durante o período da latência a maioria das crianças passam a freqüentar a escola. A escola depois da família e o grupo de brinquedos, é o mais importante agente socializador. Até entrar na escola, a criança esteve às voltas com o desmame, o controle do esfíncteres, o asseio e as questões sexuais, vivendo num mundo quase restrito onde seus pais foram os atores principais.

Como transmissor de conhecimento, o professor passa a ser a pessoa mais próxima na sua vida depois de seus pais. Por isso é importante que o professor possua, elementos éticos em sua personalidade desejáveis para a identificação com seus alunos. Também pode se considerar as experiências com jogos, que desenvolverá nas crianças habilidades de inventar, novos brinquedos e participar ativamente desses jogos. Isso dependera das experiências previas dos professores que souberem transmitir-lhes idéias e ensinar diversas formas de participação social.

O professor ideal seria aquele que, além dos conhecimentos intelectuais, tivesse personalidade sem muitos conflitos, uma vida familiar satisfatória, e fosse capaz de orientar seus alunos em todos os assuntos além dos relacionados às matérias que ensina.

Durante o ano de 2004, trabalhei tendo como bases teóricas as que aprendi no curso de magistério e nos estágios que realizei. Hoje consigo enxergar como tudo era realizada por nós, educadora a atividade eram planejadas de forma mecânica, individualizada, as crianças eram meras reprodutoras; não eram respeitadas as especificidades das crianças.

Embora atualmente o curso de Pedagogia me dê outras bases para refletir e mudar as concepções que tinha de infância, sei que minha formação inicial foi de fundamental importância para meu crescimento profissional. Pois, segundo Freire:

“se quer contribuir para a formação de professores sujeitos, é provável que seja muito mais interessante propiciar variados instrumentos teóricos de interpretação da realidade, para que as decisões, quanto à prática pedagógica, sejam respaldadas no conhecimento e na consistência crítica”. (FREIRE, 1980).

Quando me lembro o transtorno que foi organizar, primeiramente, as minhas concepções de infância, replanejar ambientes, estratégias, atividades, registros, sala, onde tudo deveria estar ao alcance dos pequenos, criar um ambiente rico em estímulos, cantinho de leitura, faz-de-conta etc., para promover o desenvolvimento, respeitando as especificidades das crianças.

Todas essas mudanças naquele momento, não estavam claras para mim, por falta de compreensão das novas metodologias implantadas ou pelo pouco conhecimento que possuía a respeito dessas concepções.

Em 2005, quando então ingressei no curso de Pedagogia na UNICAMP, queria que o tempo voasse; minha esperança era que, com as disciplinas acontecendo, conseguiria entender cada vez mais essas novas concepções pedagógicas. E minha esperança se tornou realidade.

Em uma das aulas magna, a palestrante Tonina, coordenadora da educação infantil da cidade de Pistóia, norte da Itália, citou uma concepção muito coerente, denominando a educadora de creche como a profissional que organiza espaços para que as crianças promovam suas culturas.

Dessa forma, como espaço de vida, a creche deve proporcionar espaços para brincar, onde adultos e crianças possam vivenciar, sentir, conhecer, explorar toda a riqueza que essas atividades encerram, entre fantasia e histórias, danças, músicas transgressões, imprevistos, sociabilidades, invenções, convites a brincadeiras e outras manifestações e expressões culturais de crianças pequenininhas.

Nesse momento que estou registrando minhas memórias e reflexões em relação às mudanças que aconteceram e continuam a acontecer em minha vida profissional e pessoal, sei que foram muitas batalhas travadas, muitas decepções e alegrias, muita força de vontade para chegar onde eu estou, enriquecendo meu trabalho pedagógico propiciando um desenvolvimento com mais significados para as crianças pequenas e para a escola onde atuo.

Priscila Laroca afirma que:

a responsabilidade social define o compromisso do professor frente à Educação e acena para a possibilidade de conquista da condição de sujeito, perante a teoria e a prática educativa reconhecendo nessa condição que é, primordialmente reflexiva, os requisitos éticos e intelectuais da tomada de decisões na sua ação. (LAROCA Priscila, Doutora em Psicologia da Faculdade do PES- Grupo de Pesquisa Psicologia e Ensino Superior da Universidade de Campinas – UNICAMP p.43.).

Priscila Laroca fundamenta sobre a importância do papel do professor, frente a difícil crise da Educação em nosso país. Apesar das dificuldades que perpassam todo trabalho docente, muitas arestas compõem os seus trabalho, sua postura política na sociedade, seu compromisso e responsabilidade em relação ao trabalho desenvolvido na, e pela escola, na busca de qualificação profissional, entre outros aspectos que extrapolem o espaço escolar. Que o professor seja sujeito, fazendo da Educação um instrumento de transformação da sociedade.

2.2- Refletindo: A função do educador organizador de espaços

Um espaço e o modo como é organizado resulta sempre das idéias, das opções, dos saberes das pessoas que nele habitam. Portanto, o espaço de um serviço voltado para as crianças traduz a cultura da infância, a imagem da criança, dos adultos que organizam; é uma poderosa mensagem do projeto educativo concebido para aquele grupo de crianças.

Anna Lia Galardini (1996)

As disciplinas de Educação Infantil e Educação de 0 a 6, fizeram-me compreender que a citação acima não fazia parte do meu dia-a-dia e da minha prática pedagógica dentro do espaço de Educação Infantil (0 à 3 anos de idade).

Os espaços por mim organizados tinham apenas a função de facilitar meu trabalho diário, o que importava era que estivesse sempre impecável, não houvesse bagunças, brinquedos espalhados, por isso tudo ficava guardado no alto, onde as crianças não alcançavam, elas brincavam com os brinquedos e brincadeiras apenas dentro do planejado que era registrado mensalmente. Hoje já não vejo da mesma forma que antes, mas sim como uma maneira de contribuir para o crescimento das crianças e acredito no que Ana Lucia Goulart afirma: “que os centros de educação infantil, partindo de que a criança é capaz de múltiplas relações, devem ter espaços flexíveis e versáteis, diferentes da casa, da escola e do hospital, incorporando vários ambientes de vida em contexto educativo, que possibilitem novidades a serem criadas pelas crianças como pelos adultos e que, portanto, estão em permanente construção, assim como a infância”.

Atualmente, os espaços são organizados, visando o desenvolvimento global das crianças: a interação entre crianças e adultos de várias faixas-etárias, a troca de experiências, o faz-de-conta, tornando as brincadeiras motivadoras, significativas e prazerosas tanto para as crianças quanto para mim.

Quando iniciei meu trabalho como educadora de creche, não tinha a idéia de como organizar espaços, brincadeiras e brinquedos e que eram fundamentais para o desenvolvimento das crianças; acreditava que minha função era apenas a de cuidar e fazer com que o tempo passasse para as crianças, enquanto seus pais estavam trabalhando.

As orientações recebidas da direção eram contraditórias as especificidades das crianças da faixa-etária de 0 à 3 anos, trabalhava apenas observando as atividades

realizadas pelas professoras da pré-escola e as reproduzia para as crianças com as quais trabalhava.

Hoje, entendo que meu trabalho era monótono, desestimulante para mim e para as crianças; assim, ficávamos estressadas, as crianças brigavam, choravam, vivia insatisfeita, acreditava que o problema era com as crianças e suas famílias, porque o tempo que permaneciam na creche era longo: dez horas diárias.

As crianças eram tratadas com um certo distanciamento, hoje tenho consciência que aqueles eram outros tempos, onde existia outra concepção de creche.

Os espaços, estes são organizados de maneira a atender os anseios das crianças, são espaços confortáveis, que foram planejados, analisados, visando o prazer, a alegria, a descontração e o respeito pelos colegas e pelos adultos com quem convivem cotidianamente. Todos os ambientes da escola, portanto, devem ser pensados para permitir o uso pedagógico e a livre circulação dos alunos. Como afirma Ana Lúcia Goulart de Faria:

Os espaços físicos devem ser flexíveis e versáteis diferentes da casa, da escola e do hospital incorporando vários ambientes de vida em contexto educativo, que possibilitem novidades a serem criadas tanto pelas crianças como pelos adultos e que portanto, estão em permanente construção assim como a infância. (FARIA, Ana Lúcia, G, 1999, p. 78).

3- O ESPAÇO DA CRECHE (0 À 3 ANOS)

A escola é o único espaço que as cidades. oferecem universalmente como possibilidades de reconquista dos espaços públicos e populares – domínio das atividades lúdicas e criativas.
(Mayumi Souza Lima)

A criança foi concebida e tratada de diferentes maneiras em diferentes momentos e lugares da história da humanidade; serão tantas as infâncias quanto forem as idéias, as práticas, os discursos que se organizam em torno da criança e sobre ela. É a perspectiva adulta que estuda, organiza e decide pela criança. A noção de infância carrega consigo a idéia daquele que não fala e, por não falar, a criança ocupa a terceira pessoa. O que vigora são as perspectivas adultas, que desconsidera as especificidades das crianças, procurando nela o adulto e submetendo-a as suas necessidades.

A infância, portanto, é uma categoria que existe no espaço social em que é estabelecida, negociada, desestabilizada e reconstruída no decorrer da história da humanidade, na qual o poder vem coagindo corpos e mentes infantis mediante um mecanismo próprio, que é a disciplina. Na prática educativa, quando são criados espaços alternativos de ação, estes podem representar um movimento de transformação, de criatividade, de rompimento dos cercos. (FACCIOLI, Ana Maria de G, p.27,1999)

A creche em que eu trabalho, possui um espaço privilegiado: uma área extensa de gramado com árvores, algumas frutíferas, que nos proporcionam sombras maravilhosas no verão, parque com areia e brinquedos bem conservados, uma quadra muita bem cuidada, o terreno todo plano que garante mais segurança para as crianças realizarem seus movimentos exploratórios. Os espaços internos: é constituídos de duas salas espaçosas com brinquedos que respeitam a faixa-etária das crianças, corredores, banheiros com vasos sanitários e refeitório com móveis adaptados para garantir a autonomia das crianças. O espaço externo é o preferido das crianças.

Achei interessante começar a descrever os espaços da creche, já que minha intenção é registrar sobre a organização dos mesmos para que as crianças produzam suas culturas.

Meus registros serão elaborados tendo como bases as teorias estudadas no curso do PROESF, os debates realizados, os seminários apresentados pelos grupos, as trocas

de experiências e as palestras, onde palestrandos competentes apontam novos horizontes a serem explorados pelos profissionais da educação, visando uma educação com qualidade para todos. As disciplinas que mais apreciei no curso da PROESF foram: (Disciplina Educação de 0 a 6 anos), nessa disciplina a professora apresentou, Ariès que em seu livro: “Historia Social da Criança” apresenta vários contextos histórico e as concepções que permeavam a vida das mesmas: (idade medieval) nesse contexto não havia intimidade nos lares, as casas eram uma extensão das ruas, e as crianças participavam de tudo, na mesma mesa se trabalhava, se alimentavam, jogavam, brincavam com armas, assim se dava a aprendizagem das crianças, ao mesmo tempo que a criança era vista como anjo ou demônio. A prole vasta, onde só o primogênito era valorizado, sem nenhuma função afetiva. A escola era destinava ao clero os saberes para poucos valorizando-se a fé, a aprendizagem das crianças era através da promiscuidade a que denominavam de sociabilidade.

Houve tempos em que as crianças foram paparicadas, moralizadas, foram fontes de distração. A partir do modelo burguês, as vidas das famílias passam a ser preservada, as vivencias de crianças e adultos são agora especificas e segregadas de grupos etários. Acredito que a historia nos fornecem dados importantes, para que se possam entender as barbaridades que fizeram parte da vida das crianças, desde o inicio da civilização. Para então olhar e, refletir o contexto atual que vive nossas crianças e, que infelizmente barbaridades continuam acontecendo em nossa sociedade atual. E nós professores podemos com certeza ajudá-las nessa transformação.

Na disciplina de (Educação Infantil) a professora Eliana Cunha, trouxe relatos, fotos de suas visitas nas creches denominadas modelos no Brasil e norte da Itália. Nessas creches: onde os espaços são pensados respeitando as especificidades das crianças, as mesmas são orientadas de forma clara pelas professoras, são livres para optar pelas atividades que lhes agradam, os espaços são separados por divisórias e as crianças escolhem onde querem brincar, se querem ficar sozinhas ou acompanhadas. São espaços democráticos, onde os professores são mediadores do conhecimento das crianças, valorizando o desenvolvimento global das crianças. Essas são as contribuições mais significativas que o curso de Pedagogia da UNICAMP me proporcionou, até porque trabalho com essa faixa-etária.

Ao iniciar o ano de 2006, com a sala de maternal I e II (1 ano e 3 meses a 3 anos de idade), depois das crianças adaptadas, coloquei em prática a minha função de organizadora de espaços: o espaço em que as crianças guardam suas mochilas foi identificado com seus respectivos nomes e fotos; observei que as crianças sentem-se mais valorizadas e importantes, assimilam, em pouco tempo que esse lugar lhes pertence e cuidam para que ninguém ocupe seu espaço. Esse local tornou-se fundamental para as crianças e Educadoras, pois facilita nosso dia-a-dia, as crianças, quando solicitadas, guardam seus pertences em suas mochilas e as pegam na hora em que a higiene se faz necessária. Isso lhes ajuda a superarem suas limitações, estimula sua autonomia e participação e não se sentem tratadas como passivas, completamente dependentes dos adultos.

O espaço da literatura infantil; é confortável, com tapetes coloridos, almofadas, sofás e estante (móveis próprios para as crianças); no início os livros expostos eram de papelão, pano e almofadados com ilustrações grandes, coloridas com a intenção de aguçar a curiosidade das crianças e para que elas pudessem manusear a vontade.

As crianças foram chegando timidamente: olhavam folheavam, mordiam, bagunçavam tudo e não demonstravam maior interesse. Logo estavam atrás de outros brinquedos, afinal, tudo era novo e elas queriam explorar o ambiente. Eu ficava só observando, mudei minha estratégia: passei a me sentar junto com as crianças no cantinho da leitura e, todo dia, contava uma história, onde citava o nome do autor, do ilustrador do livro e da editora; fazia uso da entonação de voz e muitos se aproximavam, alguns se mantinham à distância, só observando, aos poucos, foram participando a seu modo da hora da história.

Todas as semanas eu reorganizava o espaço de leitura, acrescentava novos livros, revistas, jornais, catálogos de supermercados, lojas etc. e, a cada dia percebia que o interesse das crianças aumentava em relação a esses portadores textuais. No segundo semestre, as crianças estavam mais habituadas com as leituras, o vínculo de confiança com as educadoras estava se formando.

Esse espaço, agora, era o mais explorado pelas crianças que já se organizavam, folheavam os livros com muito interesse, trocavam os livros com os colegas, a seu modo contavam histórias fazendo uso da imitação. As histórias já extrapolavam o espaço da sala: montava o teatro de fantoches no refeitório e os fantoches é que

narravam a história. As crianças vibravam, divertiam-se muito, e como é gostoso vê-las sorrindo, felizes esquecidas do tempo. Assim, fui diversificando: um dia eram os fantoches (fantoches de dedos) que contavam as histórias, no outro as crianças que as protagonizavam. O espaço e a história eram muitas vezes determinadas pelas crianças, elas pediam-hoje com fantoches, lá fora, embaixo da árvore...

Às vezes fazíamos às vezes dos personagens, nos fantasiávamos e interpretávamos a história (educadora e crianças).

Sempre lhes dava opções de histórias e, o mais incrível, é que as escolhidas eram as que tinham personagens que causavam medo. Tais como, Chapeuzinho Vermelho, Saci, Medo de escuro, Essa não! etc.

Segundo Mara Rúbia Ribeiro Wohnrth:

os contos de fadas sempre foram um dos elementos mais importantes destinados às crianças; através das emoções, das fantasias implícitas nas tramas e personagens trazidas pelos contos de fadas, as crianças possam ser ajudadas nas resoluções dos conflitos interiores normais nesta fase da vida".O maniqueísmo que divide as personagens em boas e más, belas e feias, poderosas ou fracas, facilita à criança a compreensão de certos valores básicos do convívio social. É nesse sentido que a literatura infantil e, principalmente, os contos de fadas podem ser decisivos para a formação da criança. (WOLNRATH, Mara Rúbia, R, 2007, p. 19).

Além do espaço físico, é importante perceber o espaço do faz-de-conta: Vygotsky assimilou que "uma das funções básicas do brincar é permitir que a criança aprenda a elaborar e resolver situações conflitantes que vivenciam no dia-a-dia. As habilidades cognitivas não só dependem do conhecimento e perícia específicos, mas também do ambiente que facilitará o seu brincar".(VYGOTSKY, Cirandar, p.6.)

Possuímos muitos acessórios para as brincadeiras do faz-de-conta: roupas de adultos, sapatos, cintos, bolsas, roupinhas de bebê, fantasias de animais, de carnaval, retalhos de tecidos, celulares, máquinas fotográficas, pulseiras, um espelho que toma quase toda a parede etc. As maiorias desses materiais ficam acomodadas em cestos separados identificados, as roupas estão penduradas em uma arara, temos também mobiliários infantis, jogo de quarto, sala e cozinha.

No início, as crianças se encantam com tanta diversidade de materiais, elas experimentam um pouco de tudo, mas os acessórios que mais lhes agradam são os de adultos. Permaneço mediando quando necessário observando enquanto atendo os apelos

de uma ou outra criança para se vestirem. Notei que tudo é novidade e o que as crianças querem é experimentar um pouco de tudo.

A partir do momento que o faz-de-conta passa a fazer parte do seu cotidiano, elas se tornam mais descontraídas e passam a elaborar seus personagens preferidos, se vestem imitando a mamãe, convidam um amigo para ser o papai e outro para ser o filho, falam ao celular, vão trabalhar, brigam ente si, ameaçam o filho, colocam-no de castigo, logo fazem as pazes e saem para realizar suas compras, trazendo para dentro da escola uma gama de informações: suas angústias, medos, alegrias, conflitos, traumas e decepções, que me ajudam a entender o porquê de certos comportamentos como a timidez, agressividade, insegurança etc.

O mais interessante é que por um bom tempo eles continuam a imitar os conflitos familiares, depois a imitação toma outro rumo experimentam todo os tipos de fantasia (as de animais são as preferidas) liberando a imaginação, sempre com a participação do educador, estimulando e interagindo com as crianças.

Segundo Jaqueline R. Lombardi Machado Longuini:

é muito importante estimular a imaginação das crianças servindo de modelo, brincar junto, contar como brincava quando tinha a mesma idade delas e repetir as brincadeiras. Muitas vezes, o educador, que não percebe a seriedade e a importância dessa atividade para o desenvolvimento da criança, ocupa-se com outras tarefas, deixando de observar atentamente para poder refletir sobre o que as crianças estão fazendo e perceber o seu desenvolvimento. O faz-de-conta é uma brincadeira importante para o desenvolvimento infantil. É imitando o adulto que a criança aprende a falar, os internaliza valores, conceitos e papéis sociais (LONGUINI, Jaqueline R. Lombardi ,2007, p. 6,7).

Há um terceiro espaço: o diversificado, aonde vão diversificando os brinquedos, jogos, peças de encaixe de várias formas, quebra-cabeças, gizes de cera, sulfites, colas, materiais da natureza (folhas galhos, pedras e sementes). Nesse espaço a imaginação fica por conta das crianças; o “lego” é o preferido: encaixam, desencaixam, não conseguem montar, mas não desistem e, quando conseguem, ficam orgulhosos, montam carros, caminhões, trens, casas, prédios e estão sempre fazendo um paralelo com a realidade. Suas produções como as colagens ou garatujas, ficam expostas no painel para que todos apreciem. As crianças ficam empolgadas e querem que os pais vejam, querem levar para casa, sentem orgulho de suas produções.

Acredito que essas atividades sejam um dos maiores desafios das crianças porque permitem o aprimoramento da capacidade de pegar pequenos objetos, afinam a coordenação das mãos com a visão, afloram a habilidade de empilhar e encaixar coisas. Esses processos são as bases do movimento mais refinado do ser humano: o chamado ato de pinçar, que permite, por exemplo, segurar corretamente um lápis.

Existem outros espaços: o espaço da higiene (banheiro), o da refeição (refeitório), o nosso depósito, etc. Todos os espaços de uma escola são educativos: no banheiro, onde a higiene é realizada, são as próprias crianças que levam suas mochilas, ajudam a guardar seus pertences, suas roupas, tiram os sapatos e colocam a própria fralda no lixo. No refeitório adotamos sistema self-service; depois que as crianças higienizaram as mãos, elas próprias se servem (as educadoras estão sempre por perto para auxiliá-las), escolhem seus alimentos preferidos, os quais são coloridos e muito bem preparados; as crianças perguntam o nome de todos e assim vão aumentando seu repertório, conhecendo novos alimentos e sempre sendo estimulados a experimentar. No caso do suco, por exemplo, questiono qual seu sabor, sua cor e, então pego a fruta na cozinha deixo que manipulem e cheirem. No depósito ficam os materiais que utilizamos na área externa da escola: os baldinhos para brincar de areia, as bolas, os bambolês, os triciclos e o nosso túnel. São as crianças que pegam o material do dia para brincar e depois guardam os mesmos no lugar certo.

Existem também os espaços externos; as crianças adoram o parque, balançam, escorregam, brincam no gira-gira é uma festa! Os baldinhos e as sucatas fazem parte da brincadeira no parque, ali é o espaço do faz-de-conta gastronômico, as crianças preparam bolos, sucos, café e doces, entre outras guloseimas; organizam festas de aniversário até de casamento já aconteceu. Poderíamos permanecer por horas no parque, as crianças nem notariam de tanto que se identificam nesse espaço. Tenho um aluno que adora ir ao parque para coletar pedras e guardá-las para, depois, levá-la embora.

O gramado, onde as árvores fazem sombra, as crianças gostam de jogar bola, rodar os bambolês, montar lego, ouvir histórias ou simplesmente correr, pular, rolar, subir e descer a rampa do portão da escola. Em volta do prédio escolar, que é um espaço todo cimentado, acontecem os circuitos com os triciclos há também, lugar seguro para se pendurarem à vontade.

A quadra é um outro espaço explorado por elas: adoram recolher folhas, sementes, flores que caem das árvores, brincam com bolas ao gol ou bolas ao cesto, cantigas de roda, pega-pega, coelhinho sai da toca, fazem suas garatujas com giz no chão, gostam que a educadora contorne seus corpos, outros querem o contorno de seus pés e mãos, é palco, também, das experimentações artísticas: as tintas são preparadas em bacias grandes e as crianças sentem sua textura e apesar de terem à disposição pincéis e rolos, elas preferem pintar com as mãos. Nessas atividades coletivas, usamos, sempre, papel craft ou papelão.

Piaget criou a expressão “construção dos esquemas de ação” para batizar a forma como os pequenos aprendem quando se movimentam. Para o pesquisador suíço desde cedo, nós, pensamos antes de agir e, toda vez que enfrentamos um desafio, aplicamos o que já sabemos. Ou seja, quando uma criança sabe andar, mas não saltar, e encontra um obstáculo no caminho (como um cabo de vassoura), ela primeiro tenta pisar sobre ele em vez de passar por cima sem tocá-lo. Provavelmente, isso provocará a perda do equilíbrio que, ao se levantar, será preciso criar um novo esquema de ação diferente. Ou seja, pela exploração surge outro esquema de vencer cada desafio (Nova Escola Educação Infantil, 2007 p.11).

Todas essas atividades realizadas nesses espaços são norteadas pela rotina, segundo Maria Alice Rezende:

é fundamental em qualquer trabalho pedagógico que seja explicitada qual a concepção que se tem como norteadora da proposta desenvolvida, além da clareza do porquê e para que uma criança pequena vai a escola. Há vários objetivos que permeiam o trabalho da Educação Infantil na articulação entre o cuidar e o educar, em especial a construção da sociabilidade, da aprendizagem e da independência em prol da autonomia. Além dos cuidados necessários a sua higiene, alimentação, segurança, brincadeiras e vínculo afetivo.(PROENÇA, Maria Alice, 2003.).

As crianças chegam à creche entre 7:00h e 7:30h, período em que, juntamente com os pais são recepcionados; o espaço está sempre pronto para estimular a permanência das crianças: as canções embalam as manhãs, os brinquedos estão organizados especialmente para aquele momento e é nossa forma de demonstrar às crianças que o dia vai ser bem divertido.

A seguir, às 7h 45 vamos ao café da manhã, ali permanecemos o tempo necessário, até que todas as crianças terminem seu desjejum; depois saímos direto para a sala, é a hora da roda: cantamos a canção de bom-dia e outras canções de nosso folclore, colocamos a chamada (fichas, com fotos e identificação nominal de cada criança) que vão respondendo ao bom-dia e levando sua ficha e fixando-a no quadro de chamadas. Na seqüência as crianças recolhem as fichas que restaram identificando os colegas ausentes. Também planejamos nossas atividades do dia, seguido do momento de descontração, quando acontecem as conversas informais entre educadoras e crianças.

Existe a rotina das trocas, que vão acontecendo de modo individualizado, para atender melhor às crianças. Esse é um dos momentos planejados para poder proporcionar uma atenção mais especial para cada uma delas. Há também o horário do almoço, da escovação, do descanso, do lanche da tarde da última merenda do dia e da tão chegada hora do reencontro com seus pais.

Acredito que a rotina norteia e organiza o grupo no espaço escolar, diminuindo a ansiedade quanto ao imprevisível ou desconhecido e otimizando o tempo disponível do grupo.

Todas essas mudanças foram permeadas por medos, angústias, incertezas, conflitos internos e externos, mas, para minha surpresa, em pouco tempo os resultados positivos começaram a aparecer: as crianças, as famílias, a educadora e a equipe de apoio unidas, participativas, descontraídas e felizes por fazerem parte do espaço escolar. Todo o trabalho flui com mais significado, principalmente em relação às crianças que são as protagonistas dessa história.

Essas constatações foram possíveis de serem analisadas, graças à elaboração da documentação pedagógica que passou a fazer parte do meu cotidiano como educadora de creche, que começou, a princípio pelos registros gráficos. A partir de 2007, além dos registros gráficos, adotei os fotográficos, sendo que a câmera foi minha companheira inseparável durante o transcorrer de todo o ano letivo.

Segundo Dahlberg, Moss & Pence:

A “documentação pedagógica” como conteúdo é o material que registra o que as crianças estão dizendo e fazendo, é o trabalho das crianças e a maneira com que o pedagogo se relaciona com elas e com o seu trabalho. A partir da documentação pedagógica, podem formular perguntas sobre a maneira como a criança-aprendiz e o pedagogo-aprendiz foram construídos em sua própria prática, como o conhecimento é construído e que tipo de instrumentos o

ambiente oferece para a experimentação e para a simbolização das crianças (Dhalberg& Pence, 2003 194).

E assim, encerro esse memorial, com minhas esperanças renovadas, pois hoje, os especialistas reconhecem a importância do Educador na educação de crianças tão pequenas e, que a mesma é o alicerce de outras etapas que perpassaram a vida das crianças, o ato de cuidar / educar são indissociáveis e necessários em todos os momentos de nossas vidas.

Considerações finais

Como foi difícil escrever esse memorial! Pensei até em desistir... Mas sou persistente e sei que as mudanças mais significativas que aconteceram em minha vida foram após o meu ingresso no Curso de Pedagogia da UNICAMP, sei que aprendi muito, todas as disciplinas estudadas foram de fundamental importância para meu crescimento profissional e pessoal.

Atuo como Educadora de creche, adoro o trabalho que realizo com as crianças pequenas, sempre procurei desenvolvê-lo com compromisso e responsabilidade. As disciplinas de Educação de 0 á 6 e Educação Infantil foram as mais apreciadas por mim, pois são específicas da faixa-etária em que atuo. Hoje, me sinto mais preparada e mais segura, os embasamentos teóricos, as trocas de experiências com Professores, Educadoras, Colegas de classe, enriqueceram ainda mais meus conhecimentos pedagógicos, ao realizar o Curso de Pedagogia na UNICAMP.

Sei que é difícil, mas não impossível através da Educação fazer a diferença na vida dessas crianças.

Referências bibliográficas

BADINTER, E. O AMOR AUSENTE. In: BANDINTER, **Um Amor Conquistado: o mito do amor materno**. RJ. Nova Fronteira, 1985. p. 25 – 144.

CIRANDAR.Secretaria de Educação da Prefeitura de Hortolândia: julho, ano 1- nº01 julho. 2007. 7 p.

DAHLBERG, Gunilla , MOSS, Peter e Alan. **Qualidade na educação da primeira infância: perspectivas pós-modernas**. Porto Alegre: Artes Médicas, 2003, cap 7 , p. 189-207.

1. **Educação Sexual para crianças** 1. Ribeiro, Cláudia.11. Araújo, Ulisses Ferreira, 1962-. 111.Título. IV.Série.

FARIA, Ana Beatriz G. A descoberta do mundo ou a experiência de lugar, do berço à cidade. **Caderno Temático de Formação II – construindo a Pedagogia de infância no Município de São Paulo**. São Paulo: SME/ATP/DOT, 2004.

FARIA, Ana Lúcia G. O Espaço Físico como um dos Elementos Fundamentais para uma Pedagogia da Educação Infantil. In FARIA , Ana Lúcia G. e PALHARES, Marina (orgs.). **Educação Infantil pós-LDB: rumos e desafios**. Campinas: Autores Associados, 1999.

FREIRE, Paulo. Pedagogia da autonomia: **Saberes necessários à prática educativa**. Paulo Freire.- São Paulo: Paz e Terra,1996 (Coleção Leitura)

Pátio Educação Infantil: Ano 1, nº 1, Abril/jul 2003, p.10.

PIAGET, J. - **Problemas de Psicologia Genética**. São Paulo: Civita, 1978. Serie Os Pensadores.

LAROCA, Priscila – **Problematizando os Contínuos Desafios DA Psicologia na Formação Docente** Laroca, 2000 . p.40-41.

NOVA ESCOLA EDUCAÇÃO INFANTIL: Edição Especial, Agosto 2007, p.11.

PROENÇA, Maria Alice. **O Registro Reflexível na Formação do educador**. FEUSP, 2003. Dissertação de Mestrado.

REVISTA DO PROFESSOR. Porto Alegre: jan. /mar., v.21, n. 81, jan. /mar.2005. 3-50p.